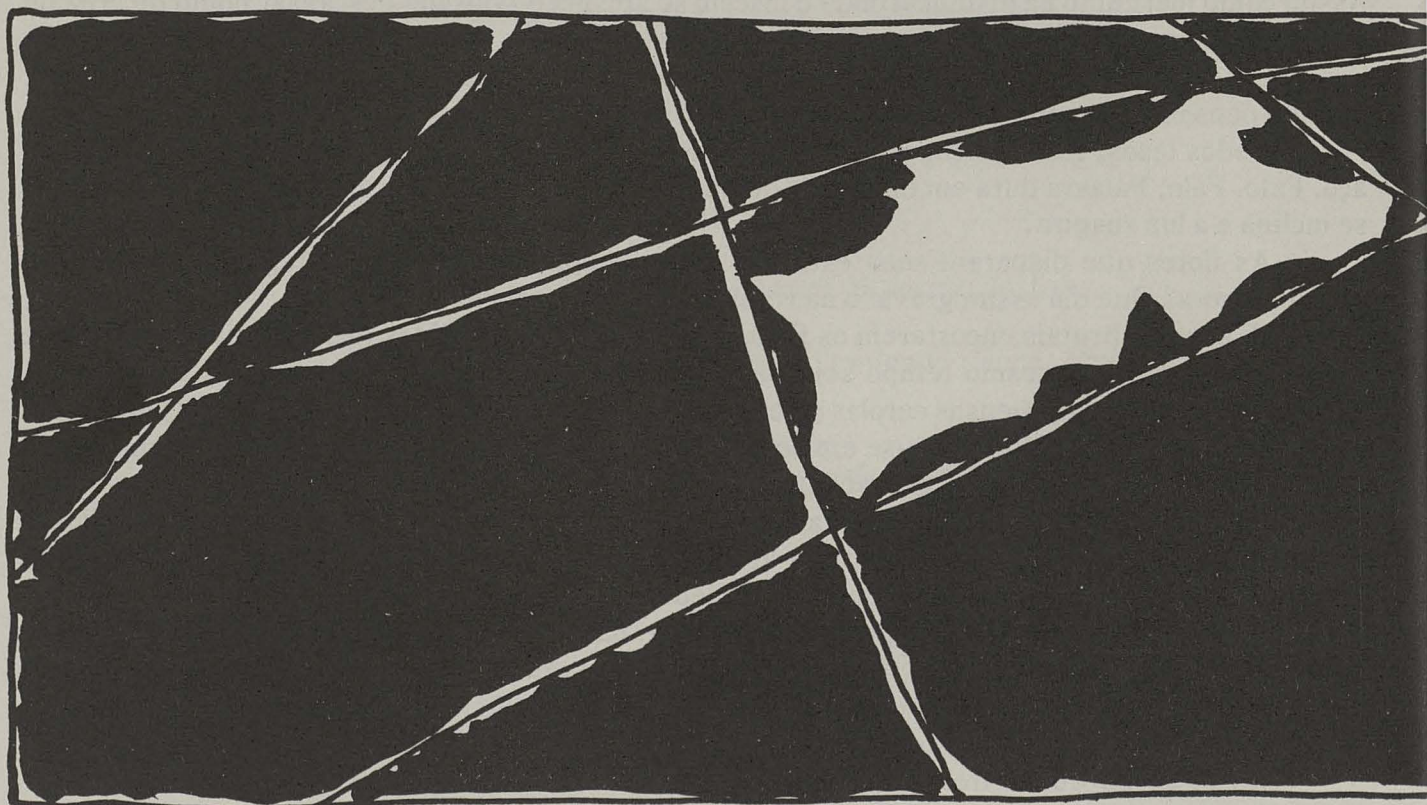


ESTE AQUI

António Tavares Manaças



Como a costa se alterou na natural luta do mar com a terra, não dei com o meu destino. Devia ter ido mais além ou, verdade se diga, mais aquém e por isso fiquei com estas barbas de espera. Suspirei de alívio quando vi a costa e, por mais que vos pareça ridículo, disse: Portugal.

Não. Isto não está muito bem explicado. É certo que suportei com os pés — que são, na natureza humana, a coisa mais perto da cabeça — haver disto. Mas também há Austrália, Patagónia, o sub continente chamado i ÍNDIA, a Palma de Maiorca e até a Grécia. (Refiro-me à antiga, claro; que a que existe agora é como nós). E vai que um mistura toda a natureza nisto, suporta o seu suspiro, a sua origem e, ó céus! reflecte.

Maña na, mãn anhia ia prá onde? Responde. O velho tinha o seu conhecimento novo como uma gargalhada, pois, querendo crendo ou não V. Sas., isto muda ou não muda, M O D O U e agora começa



*Luís Augusto 87*

Para o que eu quero dizer isto devia ser um poema gráfico. Mas nunca lá fui, tenho só estes gestos de escrever e muito sono. Suspirei na Galiza com os meus árabes, digo Algarve e digo outra vez Portugal, sume-me, marrano, neste negócio onde tenho raízes e perguntas como saber sendo isso limitado à cabeça, coisa, claro que mete **Ihslas** e Áfricas e Mundos nunca vistos, um vínculo meu mais com este ou com aquele, o chapim, o adoeiro, os bimbles, os cheios em tudo do que é seu, os estar sem. A raiva é minha, pois suporto o meu conforto. Digo: “EU é uma palavra sem sentido”. Joana ri-se de mim. Então volto ao princípio, pois, mais puro e mais sacana visto que alguma coisa começa. Este país, como um que está noutros suporta a sua diferença. Sobeja a triste lembrança, claro. Que tens tu?